

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JANEIRO/2012 - ANO XIV - Nº 180

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

Há um ano, tomou posse a primeira mulher eleita para ocupar o cargo de Presidente do Brasil. Quando foi lançada candidata, houve muita especulação e criou-se uma enorme expectativa sobre seu nome. Muitos, por preconceito, apontavam que, por ser mulher, não teria pulso firme para conduzir o país e dominar as investidas políticas.

Pesquisa Datafolha realizada no início deste mês aponta o contrário. A presidente Dilma Rousseff atingiu, ao final do primeiro ano de seu governo, índice de aprovação maior do que o alcançado nesse estágio por todos os presidentes que a antecederam desde a volta das eleições diretas. A maioria dos brasileiros consideram sua gestão ótima ou boa.

Quando de discurso como presidente eleita, Dilma, após agradecer a todos os brasileiros e ressaltar o avanço democrático do país, falou sobre a importância da mulher: “Registro aqui meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras, para que este fato, até hoje inédito, se transforme num evento natural. E que ele possa se repetir e se ampliar nas empresas, nas instituições civis, nas entidades representativas de toda a nossa sociedade”. Prometeu que em seu governo não haveria compromisso com o erro, o desvio e o malfeito. Comprometeu-se com uma política econômica responsável, de combate à inflação e seriedade nas contas públicas.

A pesquisa Datafolha mostra a coerência das palavras da presidente: Dilma demonstrou firmeza nas crises e passou a imagem de que é rápida para decidir e não titubeia para demitir quem se envolve em irregularidades. Fica claro, ainda, que sua imagem não foi abalada pelos escândalos, em 2011, no mais alto escalão do governo, em que sete ministros caíram, sendo seis sob suspeita de corrupção. Ao contrário, tem melhorado dia-a-dia: ela é considerada decidida, muito inteligente, preparada intelectualmente e sincera, pela maioria dos brasileiros.



Amplas são as atribuições do prefeito, e grandes, portanto, suas responsabilidades, tanto do ponto de vista legal, como pelo fato de que é o principal depositário da confiança popular para a solução dos problemas do município.

As eleições de outubro

Teremos eleições municipais em outubro deste ano. Os pré-candidatos a prefeito que pleiteiam esse importante cargo para a vida da cidade se mobilizam. O cenário político se desenha e nele observamos os mais diversos personagens se articulando.

Para que possamos escolher o melhor candidato para administrar o município é preciso que nós, eleitores, busquemos conhecê-lo, bem como a sua formação, história de vida, capacidade de trabalho e disposição para estar 24 horas a serviço da comunidade.

De acordo com nossas tradições político-constitucionais e o sistema de organização municipal vigente no país, a posição do prefeito como chefe do Executivo confere-lhe papel de grande relevo na condução dos negócios do município e da comunidade local. Amplas são suas atribuições, e grandes, portanto, suas responsabilidades, tanto do ponto de vista legal, como pelo fato de que é o principal depositário da confiança popular para a solução dos problemas do município.

Como chefe do Executivo, o prefeito tem funções políticas, executivas e administrativas. A importância dessas funções resulta do fato de que o prefeito não é funcionário, mas agente político responsável pelo ramo executivo de uma unidade de governo autônomo – o Município. Como tal, o prefeito não é subordinado a outra autoridade, apenas à lei. Acatará a lei e os mandados judiciais, como qualquer autoridade e qualquer pessoa.

Por ser agente político conduzido ao cargo por eleição popular, com o apoio da maioria do eleitorado local, o prefeito torna-se porta-voz natural dos interesses e reivindicações municipais perante a Câmara e outras esferas de governo, além de quaisquer forças que possam contribuir para o bem-estar da população e o progresso do município.

As funções políticas do prefeito não se esgotam na sua capacidade de lidar com a Câmara, negociar convênios ou obter benefícios ou auxílios para o município. A lei atribui a ele a prática de uma série de atos de natureza política como apresentar projetos de leis à Câmara Municipal, sancionar, promulgar, fazer publicar e vetar leis, convocar extraordinariamente a Câmara quando necessário e representar o município em todas as circunstâncias.

As funções executivas e administrativas do prefeito constituem, porém, a sua principal responsabilidade. Como chefe do Executivo Municipal, cabem-lhe, sobretudo, as funções que caracterizam universalmente as chefias de alto nível: planejar, comandar, coordenar, controlar e manter contatos externos.

Pelo exposto, conclui-se que não é fácil escolher um candidato que reúna essas características para exercer o cargo de prefeito. É preciso uma análise criteriosa. Piquete não pode mais se lançar a uma aventura de escolher um candidato despreparado. Precisamos, a exemplo de outros municípios, entrar maduramente no século XXI.

Imagem - Memória

Foto Arquivo Pro-Memória



Banda de Música da Fábrica de Piquete em sua formação original. Uma das melhores bandas do interior de São Paulo, contava com músicos escolhidos por meio de concurso e conferia solenidade às comemorações e recepções às autoridades militares que visitavam a Fábrica. Foto de 1939.

A Banda de Música da Fábrica de Piquete

Para abrilhantar os desfiles cívicos promovidos pela Fábrica de Pólvora e Explosivos de Piquete, foi criada, em 1938, uma banda de música formada por operários da referida instituição, sendo que a maioria integrava a Corporação Musical Euterpe Piquetense.

Os músicos da Euterpe que não eram operários acabaram incorporados à nova banda, tornando-se funcionários públicos federais. A Banda tinha como finalidade conferir maior solenidade às festividades oficiais de paradas, comemorações e, ainda, recepções às autoridades militares que visitavam a Fábrica. Quando formada, era constituída por um efetivo reduzido: um mestre, um contra-mestre e 24 músicos. Para seu bom desempenho, contava com diretor e auxiliares. O diretor da Banda podia ser um oficial militar ou técnico civil indicado pela Diretoria da Fábrica; competia a ele orientar e supervisionar as atividades, além de organizar retretas e concertos periódicos em logradouros da cidade e nos diversos círculos da Fábrica – Cassino, Grêmio General Carneiro, Grêmio Duque de Caxias. Cabia-lhe também manter conjuntos musicais de jazz, orquestra e regionais, e zelar pelo aprimoramento musical dos componentes da Banda e dos conjuntos, respondendo, ainda, pela boa apresentação dos músicos sob sua direção.

O recrutamento de novos músicos era feito por meio de um concurso, que constava de provas de rudimentos de português, aritmética, geografia, história do Brasil, teoria musical, solfejo e rudimentos de harmonia. Na prova prática, era necessário executar dois trechos clássicos: um escolhido pelo candidato e outro, por uma

comissão composta pelo diretor da Banda, mestre de música e um músico de 1ª Classe.

Desde a criação da Banda exerceu a função de mestre de música o maestro João Evangelista e de contra-mestre o maestro José de Castro Ferreira. O mestre de música, auxiliar imediato do diretor, era o encarregado pela Banda e pelos conjuntos musicais, cabendo-lhe a responsabilidade direta pela perfeita apresentação dos músicos, bem como a conservação do instrumental e do salão da banda. Sob sua guarda ficavam os documentos relacionados à vida da Banda, como a escrituração do movimento financeiro e dos conjuntos. Ao contra-mestre competia substituí-lo eventualmente.

Havia entre os músicos uma disciplina irretocável. Eles deveriam se esforçar pelo próprio desenvolvimento, procurando melhorar cada vez mais os conhecimentos técnicos. Havia, ainda, copista e arquivista escolhidos entre eles. Os músicos da Banda da Fábrica eram classificados em 1ª, 2ª e 3ª classes, e o instrumental era composto por clarinete, piston, trombone, bombardino, bumbo, prato e caixa. Os ensaios aconteciam na sede da Banda, um prédio existente junto ao antigo Contingente. A Banda ensaiava no primeiro expediente e a orquestra e o jazz no segundo, com início às oito e às treze horas, respectivamente. Mensalmente eram adquiridas partituras, ampliando-se, sempre, o já vasto repertório. A qualidade musical de seus profissionais era indiscutível. A Banda e os conjuntos musicais da Fábrica executavam músicas marciais, sinfônicas e populares. Concorriam para dar maior brilhantismo às festividades sociais do pessoal da Fábrica.

O sucesso de seus músicos extrapolava fronteiras, de maneira que, tanto a banda como os Jazz Bands eram frequentemente requisitados para bailes, retretas e desfiles nas cidades da região. Quem ouviu ou dançou sob o ritmo desses músicos pôde testemunhar o que de melhor se produziu em música não só em Piquete e região, mas pelo interior do Brasil.

Músicos da Foto: José de Castro Ferreira (regente), Pedro Galli, Cabral, Augusto Souza, José Maria, W.Galli, B. Prado, J.V.Souares, H.Maziero, J.Aquino, Luiz de Barros, Bandeira, Lorena, Waldomiro, F.Assis, P.Galvão, A.Viana, B.Chaves, S.Miranda, J.Augusto, Jorge de Freitas, José Divino, A.M.Camargo, Lira, J.R.Fernandes, R. Gerônimo, J. Ribeiro, J. Brasil, L.V. Soares, Rosmindo Teodoro, C.V.Souares, Arneiro, J.M. Barbosa e José Gonçalves.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tipagem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Hugo do Hospital

Há quase 50 anos trabalhando no Hospital da FPV, Hugo venceu muitas dificuldades para poder ser reconhecido como Hugo enfermeiro. Segundo dos quatro filhos do casal Pedro Dias e Maurília Amélia Dias, teve uma infância “normal” na Vila Barão, em Piquete, onde nasceu a 12 de maio de 1934.

Hugo cursou o primário no Antônio João, transferindo-se, depois, para a escola da Fábrica e, em seguida, para a Escola Agrícola, de onde saiu para servir o Exército. Após um ano no Contingente, tentou ingressar na Fábrica como ex-aluno da Escola Agrícola, mas a falta de documentação comprobatória do Curso o impediu. Foi trabalhar, então, com o senhor Benfica, “grande chefe”, na Rodovia. Nesse trabalho permaneceu por oito meses, enquanto terminava o colegial. A convite do irmão Nelson Laurindo, que trabalhava no Palácio do Governo, em São Paulo, foi para a capital. Lá, empregou-se numa “fábrica enorme” que existia no Sacomã. Não se adaptou bem na cidade grande e retornou a Piquete após dois anos. Ávido por trabalhar, resolveu que iria “aprender a aplicar injeção”. Mais uma vez, outro de seus irmãos lhe foi útil: José Olympio Dias, o Catito, funcionário da FPV, conseguiu-lhe uma vaga no local onde permaneceria até os dias de hoje: o Hospital da FPV.

A chance foi-lhe proporcionada por meio do então diretor, Dr. Antonino.

“Ingressei como um estagiário... Não tive escola de Enfermagem. Os livros, o contato com os médicos, o apoio das irmãs... Foi assim que fui aprendendo...”, diz. “Eu lia bulas e mais bulas de remédio para saber tudo sobre eles: posologia, contra-indicações, efeitos colaterais...”, afirma, orgulhoso. Hugo destaca a enfermeira D. Amelinha: “eu trabalhava até as 16h e depois ia para a casa dela, lá no Portão da Limeira... Ficava lá com ela me ensinando tudo que sabia...”. Fala, ainda, da força que lhe deram as Irmãs Salesianas: “Me acompanhavam, me orientavam... Eu só tenho a agradecê-las... Adotaram-me como a um filho!”.

Capítulo especial de sua carreira profissional poderia ser sobre as explosões da Fábrica: “Passei por várias... Era muito triste... Numa das últimas, a maior, com cerca de vinte e três mortos, vieram de ‘Taubaté pra baixo’ muitas ambulâncias, médicos e enfermeiros...”.



Depois de vários anos de experiência, começou a sentir a ausência do Certificado... Surgiu, então, um concurso estadual. Foi aprovado, após dois dias de provas teóricas, prova prática realizada no Hospital das Clínicas e prova oral. “Na prova prática, sortearam-me um paciente que havia sido operado da próstata... Foi bom, pois tinha acompanhado muitos desses casos em Piquete, operados pelo Dr. Marcelo Bustamante...”. Conseguiu, então, seu registro no Conselho Regional de Enfermagem.

Pouco tempo depois de começar no hospital, conheceu uma jovem que trabalharia na Pediatria... De início, avaliou-a de longe, observando a forma de trabalho, o trato com as crianças, a responsabilidade... “Eu gostei... Aprovei e decidi que ela seria minha esposa...”. Era Therezinha, com quem se casou em 25 de dezembro de 1965. Tiveram duas filhas, que lhes deram quatro netos e dois genros, seus “filhos adotivos, amigos e companheiros...”.

Hugo foi eleito vereador em 1976. Num mandato de seis anos, relata que participou de várias comissões: “Eu não podia deixá-las nas mãos da oposição, mas me preparava muito, estudando em casa o material que chegava às minhas mãos”.

Hugo enfermeiro é prova viva de que

força de vontade e dedicação são a base para a realização profissional. Hoje, ainda atuando como enfermeiro, faz questão de ressaltar a gratidão que sente por todos os que o ajudaram nessa longa carreira. Reconhece a Medicina como um ofício complexo, que exige conhecimento profundo em cada área e agradece por poder colaborar...



Ler é igual a entender?

Fábio Iijima

Para muitos, o ato de ler um livro (não importa se literário, filosófico ou mesmo científico) vem sempre acompanhado de uma interrogação muito amarga que fazemos a nós mesmos (ou que um outro faz a nós): “estou entendendo o que leio?”

Muitas vezes a resposta é negativa, resultando numa desistência da leitura ou numa perda de compromisso com o texto. Fecha-se o livro e se busca uma outra atividade com que se ocupar.

Se é assim, acredito que naquela pergunta se encontram decisivas causas da coibição de muitas leituras que podiam ter sido, mas que não foram. Dito de outra maneira: encarna-se naquelas poucas palavras um poderoso discurso de repressão intelectual que impõe que só uns poucos, os especialistas, têm o ‘domínio’ sobre o texto, isto é, o direito de dizer que efetivamente leram.

Além de ter esse efeito repressivo, a pergunta em si é, sem dúvida, questionável. Pois pressupõe a ideia de um livro em geral como algo morto, ou seja, como palavras onde o único objetivo do leitor é desvendar o que o autor quis dizer. Ora, muitos filósofos (como, por exemplo, Merleau-Ponty) discordam dessa tese, pois defendem que um texto é algo que supera a categoria do “querer dizer”, isto é, seu sentido fica sempre em aberto. Numa palavra, um texto não é esgotável: ele nunca pode ser dominado e, portanto, está vivo.

Como consequência dessa concepção mais ampla de ‘texto’, abrimos espaço para um outro modo, também mais amplo, de ver o ato da leitura: tão importante quanto ‘entender’ o que se lê é ser tocado de alguma maneira um pouco inesperada, ser levado a pensar.

A música em geral ilustra bem o que quero dizer: não é necessário um conhecimento técnico dela (saber quais são as notas, as harmonias etc.) para ser sensibilizado pelos sons; o mesmo pode acontecer com as leituras. “Um camponês pode ler Espinosa”, disse o escritor Bernard Malamud em seu livro “O faz-tudo”.

Sintetizando assim tudo o que disse: aquela pergunta carrega um preconceito e, como tal, reprime e empobrece o pensamento possível.

(Fábio Iijima é aluno do curso de Filosofia da USP)

A grande revelação

Superamos o natal do consumismo, para transcendermos através da Grande Ideia. A de que a mensagem justificadora da festa afinal sobrenada ao oceano das inquietações que incomodam os mortais animados pelas propagandas incisivas à busca dos lucros versus os prazeres efêmeros.

O divino se humaniza para deixar lições imorredouras que, entretanto, nem sempre são bem entendidas, cobertas que estão pela poeira luminosa das luzes artificiais. Ao humanizar-se, a figura divina atinge o ponto catártico do sacrifício, e nele, promete a purificação. Em nome da paz, da harmonia e do perdão. Redentoramente. Ao transsubstanciar-se, transforma novamente a substância humana representada no pão e no vinho em substância divina, na hóstia elaborada do trigo das boas colheitas. Portanto, o humano se mostra em Deus; e o divino, no homem, para, sacrificialmente anunciar a cerimônia catártica do sangue derramado na promessa redentora.

E a carne se faz, com o sangue, a elaboração simbólica do acesso às portas do Paraíso, que se abrem aos justos lavados com o sangue do Cordeiro, conforme o Apocalipse. Atinge-se aí o máximo da obra criadora e redentora, marca da cristandade, apanágio dos sábios escolhidos na

proclamação dos grandes eventos, marcadores épicos da trajetória. Dos anúncios aos fatos registrados pelos seguidores eleitos elabora-se a grande narrativa iniciada pelas palavras anunciadas por Samuel e João, ambos filhos de mães cuja esterilidade as condenava por não possuírem o dom da vida, até que elas gerando profetas promissores.

Porém, para ser entendida, a mensagem exige recolhimento e dedicação. O argumento básico das transmutações já fora preparado por Heráclito de Éfeso quando mostrou a dinâmica terrestre construída por mutações de matérias, cujos princípios básicos se encontram na água, na terra e no fogo.

Na água se recobre a terra, e dela se afasta, e que, combinada com a argila, permite a elaboração da nova espécie, humanizada para ser imortal. Entretanto, somente ao divino é consagrada a imortalidade. Daquele que, nascendo e morrendo, mantém a divindade da qual é portador. E como divisor de tempo, marca a passagem e divide a História – no antes e no depois.

Dá testemunho da Verdade e confirma simbolicamente cada etapa. A recepção sobre as variações que o arbítrio humano

constrói à luz da razão e da sabedoria. Crédulos e incrédulos alinham-se para tentar explicar o espetáculo de que são parte e do qual buscam não só os efeitos, mas as causas, e nestas, a origem. Físicos à procura da “partícula de Deus”, nome dado ao bóson de Higgs, partícula das que, em colisão já experimentada em aparelho próprio – o **Grande Colisor de Hádrons** – em Genebra, na Suíça, pretendem explicar a origem do universo.

O estudo baseia-se na descoberta iminente da tal partícula, “que dá massa a todas as demais que formam o átomo” e que também é dada como modelo padrão para as outras. Essa seria uma partícula elementar surgida logo após o Big-bang, admitida fisicamente como a grande explosão original, a grande combustão – o fogo.

Deus estaria na partícula que, submetida às colisões sucessivas, teria gerado a vida, ou seja, as condições nas quais o humano deveria surgir para dar nome aos elementos e com eles construir uma história.

O humano questiona-se e codifica-se para tentar explicar as duas naturezas: a divina e a humana. Aceitá-las ou não, eis o desafio da grande aventura.

Dóli de Castro Ferreira

Piquete: lazer, cultura e qualidade de vida por meio da cidadania

Muitos irão iniciar a leitura deste texto pensando que estou louco... Lazer e cultura em Piquete? Isso não existe aqui... Será? Onde podemos encontrar lazer em Piquete? Isso depende do que procuramos... Preciso de muito pouco para me divertir. Bastam-me os amigos reunidos, um bom papo, uma música agradável... Se o calor está forte, quem duvidaria do prazer que é um mergulho no Curiaco, por exemplo? Se for final de tarde, por que não uma caminhada até o Portão da Limeira, aproveitando a oportunidade para fotografar pássaros, natureza e prédios que contam a história de nossa cidade? Aqui já estamos na seara cultura... E existem lugares como a Estação Ferroviária da Estrela que combinam muito bem com um bom livro... Quer visitar um museu, já que já não existe mais nenhum em Piquete? Então faça um “tour virtual” pelos melhores museus do mundo por meio da Internet (teoricamente, existem pontos de acesso gratuitos no portal de entrada do município; há que se conferir). Depois de conhecer as obras-primas dos pintores mais

famosos, faça uma cópia das imagens que mais gostar em seu computador, monte uma pequena apresentação e discuta com os amigos (olha eles aí de novo...) numa tarde agradável... Estaríamos próximos a um sarau... Coisa de gente chata, de velhos? Tenham certeza de que não...

O que não podemos dizer é que “aqui não tem nada pra fazer...”. Quem quer uma atividade prazerosa – que não dormir, é claro... – encontra.

É claro que faltam opções de lazer público em Piquete. Reparem que citei locais rurais ou aqueles preservados pela IMBEL/FPV. É aí que entra nosso espírito cidadão.

Todos já ouviram algo semelhante: “os livros nos proporcionam viajar sem sair de casa”. Pois então... Ao ler um bom livro – e não precisa ser um clássico sisudo de Machado de Assis, por exemplo. Temos que ler o que nos atrai – estamos conhecendo lugares que, talvez, nunca visitemos. Ao assistirmos um filme, descobrimos os lugares lindos do Brasil e do mundo. Ao visitarmos museus, descortinamos construções deslumbrantes, observamos obras de arte históricas – MASP, Louvre – ou de vanguarda, no MoMA (Museu de Arte Moderna de Nova Iorque)...

Todos apreciamos o que é belo. E é assim que formamos nossos gostos, estabelecemos nossas preferências... Por meio do conhecimento... Por meio de viagens, sejam elas físicas ou as que a internet nos permite. Tornamo-nos, assim, mais críticos, pois teremos padrões de comparação. É difícil evidenciar a organização e a força da união

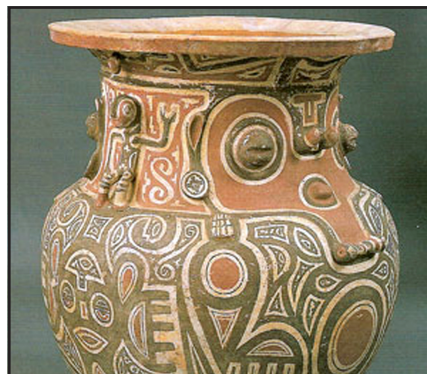
presentes em São Luiz do Paraitinga e em seus moradores, por exemplo, e não questionarmos o abandono de praças e ruas em Piquete. Isso sem falar na inércia da maioria de nossa população. Fere-nos o orgulho baírrista ver uma cidade há pouco destruída pelas águas e evidenciar sua capacidade de recuperação, enquanto a abençoada Piquete patina no marasmo. Claro... As obras em São Luiz foram subsidiadas pelo Estado, mas sem o empenho da população luizense jamais seriam concluídas.

Piquete é belo demais... Piquete tem tudo de que precisamos... O que falta é o “despertar” dos piquetenses, que têm que acreditar que a força para revitalizar a Cidade Paisagem está em nossas próprias mãos. O lazer e o acúmulo de cultura e de conhecimento dependem em grande parte de nossa própria iniciativa. Valorizemo-nos. Questionemos o errado e teremos o certo num futuro próximo. Isso é cidadania! Isso é qualidade de vida!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.



Fotos Laurentino Gonçalves Dias Jr.



Brasil de Barro

O Vale do Paraíba Paulista põe na linha de frente as Figureiras de Taubaté. Pernambuco responde com Mestre Vitalino. Ninguém pode ignorar as modeladoras de argila alagoanas do baixo São Francisco. E seria possível ignorar as panelas capixabas?

O elemento comum das pastas cerâmicas é a argila cujo tipo mais puro é o caulim.

A tradição barrista brasileira tem uma vertente ibérica importante. Azulejos e artefatos de barro eram conhecidos na Península Ibérica ainda antes da formação da nação portuguesa. Figuras que representavam tipos populares e cenas do cotidiano brotavam das mãos dos habitantes da Península.

A vertente indígena, entretanto, surpreendeu os especialistas europeus, quando tiveram acesso às peças transportadas pelos naturalistas e viajantes que começaram a recolhê-las já no século XVI.

Os índios do Xingu têm suas feiras de troca, chamadas moitará. Produtos muito procurados nessas ocasiões são as enormes panelas decoradas e os vasos zoomorfos da tribo Waurá. São trocados, por exemplo, pelos arcos e óleo de pequi dos Kamayurá e pelos colares e cintos de conchas da tribo Kalapalo.

Muito conhecidas também são as chamadas “bonecas” Karajá, da ilha do Bananal. São figuras femininas com pinturas rituais, algumas vezes em posição em pé, outras em posição sentada em bancos zoomorfos.

Durante suas férias na Universidade de São Paulo, o professor Claude Lévi-Strauss visitava as populações indígenas de Mato

Grosso, entre elas os Kadiwéu (caduveo-guaicurus, índios cavaleiros).

Certa vez, surpreendeu-se com uma caravana de índios com animais carregados de grandes vasos decorados – cerâmica pintada e gravada.

Lévi-Strauss acompanhou os índios até sua aldeia nas terras baixas da margem esquerda do rio Paraguai, perto das colinas da serra da Bodoquena (MS).

Verificou que as mulheres trabalhavam a argila apenas com as mãos. Ainda fresca, a massa era decorada com impressões cavadas por pequenas cordas e pintada com óxido de ferro que se encontrava na serra.

A massa era cozida em fogo de chão escavado, ao ar livre. Ainda quente, era decorada com vernizes de resina derretida (cor preta – pau-santo; cor amarela – anjico). Já fria, recebia uma aplicação de pó branco, geralmente cinzas, para realçar as impressões.

A cerâmica estudada pelos arqueólogos destaca os sítios da ilha de Marajó, do rio Tapajós (Santarém) e a tradição tupi-guarani que abrange todo o litoral brasileiro, do Nordeste ao Prata e, no interior, alcança o Paraguai e o Araguaia.

A fase marajoara é a mais conhecida. Procedente da Colômbia e do Equador, foi introduzida em Marajó por volta do ano 1000 da nossa era.

Urnas funerárias, vasos com grandes gargalos são as versões mais encontradas. Peças de feitura esmerada foram encontradas dentro de urnas grosseiras – um povo que desconhecia a roda de oleiro foi capaz de produzir vasos globulares.

Toda a superfície das peças era decorada com arabescos e desenhos caprichosos

inspirados em formas geométricas.

A cerâmica tapajônica ou santarêmica é representada pelos vasos chamados de cariátides e os gargalos, com relevos de formas humanas e animais da fauna local.

São pintados com ornatos geométricos.

Encontram-se em pequena profundidade nas chamadas “terras pretas” ou perto dos lagos.

O mais antigo sítio de tradição tupi-guarani data de mais de 3935 anos e localiza-se no município de Tenente Portela (RS).

A tradição cerâmica tupi-guarani é caracterizada por um estilo corrugado, associado a vasos decorados com pinturas policrômicas.

As urnas funerárias apresentam como tampa uma urna emborcada.

As cores preferidas são o vermelho, vermelho e preto sobre uma camada de engobe branco. São usados motivos geométricos em incisões de estiletes e impressões de dedos e unhas, técnica decorativa repetida em todo o país.

Os primeiros habitantes do Brasil já se dedicavam à cerâmica.

E o povo brasileiro não esqueceu a arte ancestral.

Não temos apenas “pernas compridas para correr atrás de bola e fugir da polícia”.

Deus nos deu mãos habilidosas, argila de primeira, inclusive caulim, para exercitarmos esta atividade de grande valor artístico e utilitário.

Nas feiras, nos museus, nos templos, nos presépios com satisfação encontramos sempre revelada mais esta habilidade do povo brasileiro.

Abigail Lea da Silva



Crônicas Pitorescas

Novo ovo, ano avo...

Palmyro Masiero

Olha a gente aqui emplacando mais um ano novo... Ouvem-se apenas alguns acordes retardados do “Adeus Ano Velho, Feliz Ano Novo... Muito dinheiro no bolso, saúde pra dar e vender”. Bem, cantar a gente cantou... Honestidade nas intenções não faltou... Hoje, infelizmente, o batuque do cotidiano trazendo o ritmo da realidade faz o “muito dinheiro no bolso” parecer filosofia de irmão de estrada. Você lê quando passa o caminhão e... bau-bau. Saúde! Esta, nego, você vai ter que ter nem que morra pra consevá-la, pois, além da falta de médicos, tá aí um aumento nos remédios pra ser digerido. Mas, olhe, estando bastante saudável, você pode, como diz a letra tradicional, vender um pouco de saúde aos bem aquinhoados.. Com a vantagem de lascas ágio à vontade...

Estava com o propósito de fazer uma previsão para este ano, mas estou embaçado. Não manjo nada de astrologia, jogação de búzios e outras mutretas adivinhatórias. Bola de cristal não tenho e nem sou vidente, evidente, senão já teria acertado umas vezes sozinho na Mega Sena e não estaria escrevendo besteiras, mas na Riviera Francesa fazendo o que não tenho a menor ideia do que se faz por lá... Aprenderia, ora...

Sou turrão e não deixo uma vontade passar em branco. Cada um como pode... Com uma sapiência aritmética, concluí, por conta e risco, que o 7 vai reger este ano... Já começa bem, ou quase, ele é primo; logo, parente... Esperança de se viver um ano como se todos fossem uma só família...

Façamos uma análise do 7... Foi no sétimo dia que Deus terminou a criação do mundo, abençoando-o e santificando-o... E aposentou-se... Desconhece-se a pensão que Ele recebe, mas, se for a de aposentado brasileiro, tá lascado... Aqui, no final da jornada, o trabalhador não é premiado, é punido. Mas o 7 vai inspirá-lo a olhar para essa gente.

Um estudioso chamado Heydon vê no 7 um número inteiramente religioso: repre-

senta o triunfo do espírito sobre a matéria. E notem a premonição de nossas autoridades monetárias. Nossas cédulas vêm como santinhos com a mensagem rogativa para não desvalorizarem “Deus seja louvado”. Na esfera superior, o 7 é o nome de Deus com 7 letras. Na esfera do intelecto, 7 são os anjos diante do trono de Deus (Gabriel, Miguel, Haniel, Rafael, Camael, Zadquiel, Zafiel). Imaginem a gente passar o ano com uma defesa dessas pela frente!

Na esfera infernal, a coisa aparentemente é trágica. Mas só no bagaço. Confirmam suas 7 moradas: 1) Inferno: não é lugar estranho para essa sub-raça votante que sobrevive nesse país; 2) Portas da Morte: aí estão muitos dos hospitais conveniados; 3) Sombra da morte: aquela, tocaiada, esperando você para assaltar, e... 4) Fosso da destruição: canaletas e tubulações que jorram tudo o que não presta nos rios, matando-os. 5) Lama da morte: basta uma chuvinha mais forte. 6) Perdição: aí, em todos os sentidos, há dispensabilidade de comentários. 7) Profundezas da terra: local onde a fome, a miséria e a desnutrição estão levando um número cada vez maior de pessoas a comer grama pela raiz. Verificaram como são somente coisas corriqueiras, normais, com que a gente já está acostumado? Logo, não deve ser computado como algo mais ruim. Já basta ser ruim...

O 7 é o número da realeza e do triunfo, da fama e da honra, da reputação e da vitória. Indicativo que outros países poderão nos chamar de idiotas mas nunca de caloteiros. A nação pode até ser vendida e sumir do mapa em função de seus políticos trambiqueiros, mas inexistiremos muito bem reputados.

Uma coisa só me preocupa no 7... Suas vibrações são lunares... Oremos para que elas não sejam tão fortes, ao ponto de levar essa turma que já anda com a cabeça no mundo da lua a transformar esse ano numa apoteose de lunaticidades... Caso contrário, não há futurólogo que resista!

Você sabia...

...que 9 de janeiro é considerado o “Dia do Fico”?



Por volta de 1821, quando as Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa aventaram a ideia de transformar o Brasil de novo numa colônia, os liberais se uniram ao Partido Brasileiro, a fim de manter a autoridade do Brasil. Portugal então exigiu do Príncipe Regente seu retorno imediato à Europa.

Os liberais, em resposta, reuniram oito mil assinaturas em prol de sua permanência no Brasil e pressionaram-no a ficar. Foi então que, a 9 de janeiro de 1822, contrariando as ordens emanadas por Portugal, D. Pedro declarou: “Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto! Digam ao povo que fico”.

Este episódio, conhecido como **Dia do Fico**, foi o prenúncio da Independência do Brasil, que viria a ser proclamada em 7 de setembro de 1822.

O fim do mundo

Edival da Silva Castro

Poxa, como não me lembro dessa passagem? Minha cabeça sempre fora uma enciclopédia, mormente com as coisas que aconteceram na minha pródiga infância.

Lembro-me dos papagaios e bolinhas-de-gude coloridos, das guerras de estilingue, do caminhãozinho de bombeiros que ganhei pelo Natal de 1945...

Como poderia me esquecer das histórias e causos contados ao pé do fogão-a-lenha, da lanterna improvisada de lata de azeitona, da serpentina que saía do fogão pra aquecer a água da caixa d'água, dos banhos na banheira do banheiro...

Então, essa do fim do mundo tenho certeza de que não estava em órbita ainda...

Meus irmãos mais velhos contam que no início da década de 40 as emissoras de rádio passaram a noticiar o fim do mundo. Diziam que o mundo ia acabar no próximo domingo. Papai, muito católico, prevenido e zeloso com a prole, alugou um táxi e, no dia anterior ao fim do mundo, correu pra Aparecida do Norte. Naquele tempo a cidade era conhecida assim.

Meus familiares rezaram o sábado todinho. À noite, hospedaram-se num hotel no entorno da Basílica. No domingo, após assistirem à missa das 10h, saíram pro almoço e, de tardinha, já que o mundo não se acabava mesmo, tomaram o táxi de volta a Piquete.

Houve, recentemente, na Inglaterra, pesquisa sobre o fim do mundo. A pergunta “O que você faria se o mundo acabasse amanhã?” obteve respostas diversas. Dentre elas, 3% dos entrevistados disseram que juntariam os familiares e correriam para uma igreja.

Papai, naqueles idos de 1940, agira corretamente em reunir a família numa igreja. Diz a máxima “Família que reza unida permanece unida”.

Não pude me lembrar desse fato simplesmente porque estava em planejamento...



Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.issuu.com/oestafeta

ou

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Ai, se eu te pego!

Comecei a escrever assistindo a um especial sobre Elis Regina, gravado em 2002 com seus filhos Maria Rita e João Marcelo Bôscoli.

Lembro-me da morte de Elis, inclusive de onde eu estava... Era o ano de 1982... Já na época fiquei triste, pois gostava de sua voz... Hoje, ainda me emociono ao vê-la cantar 'interpretando tanto'... No especial há uma cena que me emocionou: Elis, Dina Sfat e Regina Duarte, cada uma com um filho ao colo, musicando – aparentemente em uma homenagem mães-filhos – trechos do “Poema Enjoadinho”, de Vinícius de Moraes... Regina Duarte ainda nos entretém... Mas Elis e Dina Sfat não o fazem mais ao vivo...

Elis, Dina Sfat, Raul Cortez, Mário Lago, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Pixinguinha, Cazuza, Cássia Eller, Berta Loram, Cláudio Corrêa e Castro, Frank Sinatra, John Lennon... São estrelas que deixaram órfãos seus admiradores, empobrecendo o mundo das artes...

Hoje, muito se fala de Michel Teló, que vem derrubando todas as fronteiras com sua toada “Ai, se eu te pego”, provocando amor e ódio por onde quer que passe...

Elis Regina, num trecho do especial, diz sobre sua filha Maria Rita: “(...) Eu quero que ela ria muito... Quero para ela tudo legal pra cá... Mas também não sei... De repente, o meu legal não é o legal dela”...

Neste momento passou alguém em frente à minha casa “divulgando” Michel Teló... Pensei, então, no tema deste texto... Gente, o legal de alguém pode não ser o nosso legal... O meu legal – de que eu gosto – é MPB, são clássicos do Rock, Mozart, Rachmaninoff, Heitor Villa-Lobos, Tchaikovsky... Mas eu também me divirto com Michel Teló... E o importante é se divertir, é rir... Caso contrário, tornamo-nos amargos, infelizes, párias... Há momentos (e muitos) em que temos de ser sérios... Mas também há aqueles em que a diversão deve se sobressair... Não compraria um CD de Teló; não ouviria suas músicas por opção. Ainda assim, penso ter que respeitar os milhões de fãs que o perseguem mundo afora, pois cada um tem o direito de ouvir o que gosta. O que faço quando “Ai, se eu te pego” me incomoda é mudar de canal, de rádio... Acredito que, assim como acontece com todos os atuais “sucessos comerciais”, logo passará a fase do “Ai, se eu te pego”, para surgir outro... Isso não acontecerá jamais com nomes como os citados acima... E nenhum fã de Teló ousaria acreditar no contrário...

O refrão de Teló é “Assim você me mata... Ai, se eu te pego, ai, ai...”. Se respeitarmos o individualismo, sou como canção, como brincadeira... Se nos incomodarmos a ponto de denegrir o artista e a música, alegando ausência de melodia, má-qualidade musical, a letra se transforma numa ameaça, num preconceito tosco... Deixemos de lado a intolerância e vamos rir... Aos que quiserem rir com Elis, por exemplo, o momento é oportuno, pois serão muitas as homenagens nestes 30 anos de sua partida... Vamos lá, deixa o que você gosta te pegar! Deixa quem você gosta te pegar!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Dengue: o perigo está por perto...

Dengue é uma virose transmitida pelos mosquitos *Aedes aegypti* e *Aedes albopictus*, que picam apenas durante o dia, ao contrário do comum, o *Culex*, que ataca sempre à noite.

A doença ocorre principalmente em áreas tropicais e subtropicais do mundo, inclusive no Brasil. Incide no verão, durante ou imediatamente após períodos chuvosos.

Um mosquito aparentemente inofensivo tornou-se um dos principais problemas de saúde pública no mundo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, entre 50 e 100 milhões de pessoas se infectam com a dengue por meio desses mosquitos, anualmente, em mais de 100 países. Cerca de 550 mil pessoas contaminadas necessitam de hospitalização e 20 mil morrem em consequência da doença, a cada ano.

A dengue é uma doença febril aguda causada por um vírus de evolução benigna, na maioria dos casos. A doença pode apresentar duas formas: a clássica, que geralmente causa febre, dores no corpo e nas articulações, mas raramente mata; e a hemorrágica, a forma grave da doença, que apresenta todos os sintomas da versão clássica, mas provoca sangramento e choque, podendo levar à morte. O vírus apresenta quatro sorotipos diferentes. Quando uma pessoa é contaminada por um sorotipo, torna-se resistente a ele, mas não aos demais.



O Aedes aegypti

Considera-se a erradicação da doença praticamente impossível atualmente devido ao crescimento desordenado das cidades e ao alto consumo de produtos descartáveis e industrializados, como pneus e vasilhames, locais muito utilizados pelo *Aedes aegypti* para se reproduzir.

O mosquito é considerado um animal urbano, que se reproduz em qualquer recipiente utilizado para armazenar água, tanto em áreas sombrias como ensolaradas. Macho e fêmea se alimentam da seiva das plantas, mas é a fêmea que pica o ser humano em busca de sangue para maturar seus ovos. Em média, a fêmea coloca de 150 a 200 ovos de cada vez. Apesar de viver apenas 30 dias, é capaz de realizar inúmeras posturas. Os ovos são postos milímetros acima da superfície e eclodem quando chove por apenas 30 minutos. Em um período de apenas 5 a 7 dias, as larvas transformam-se em mosquitos.

Crack – essa pedra mata

As imagens de dependentes de crack vagando pelas ruas de São Paulo como zumbis, neste mês de janeiro, correram o mundo e chamaram a atenção para esse grave problema social que cresce e se espalha por todo o Brasil.

A violência e a criminalidade, associadas ao consumo dessa e de outras drogas têm crescido assustadoramente. Vivemos uma verdadeira epidemia de crack. A situação é de tal gravidade, que a presidente Dilma Rousseff fez referência a ele em seu discurso de posse, em janeiro do ano passado.

Por ter custo barato, essa droga derivada da cocaína é uma das mais devastadoras. A partir das grandes cidades, o crack ganhou o interior do país, como mostra um levantamento realizado em 2010 pela Confederação Nacional dos Municípios, que aponta seu consumo em 91% deles.

Chamamos de droga qualquer substância capaz de produzir uma modificação no funcionamento de nosso corpo. Porém, a palavra tem sido usada para designar um grupo de substâncias que atuam preferencialmente no cérebro alterando seu funcionamento. Quando o cérebro se acostuma a uma droga e passa a exigí-la, a pessoa se torna dependente químico, ou seja, passa a

depende da droga. O que leva uma pessoa à dependência é um processo complexo que envolve alterações neurofisiológicas e componentes psicológicos e sociais. Dependentes todos somos: de ar, de água, de comida, de afeto e, principalmente, de prazer, uma sensação essencial para a preservação do indivíduo e da espécie. O problema está em se procurar maneiras artificiais (drogas) de se sentir prazer estimulando o cérebro a criar sensações de felicidade.

Em geral, a pessoa começa com o uso recreativo de alguma substância que traga a sensação de bem-estar. Depois, enganada pela falsa ideia de que detém o controle da situação, ela passa para o uso abusivo. A droga, então, altera o círculo cerebral do prazer criando um apetite específico para aquelas substâncias. A pessoa sente, cada vez mais, necessidade de usá-la. A partir daí, não se tem mais uma relação de autonomia com a droga; em vez de a pessoa comandar, é a droga que a comanda.

A dependência se caracteriza como uma perda de controle. Perder o controle uma vez na vida acontece com todo mundo. Mas quando isso se torna uma rotina e o indivíduo começa a se prejudicar, estabelece-se a necessidade de tratamento.

Círculo do Operariado Católico

Quem percorre a rua Coronel Pederneiras, próximo à igreja de São José se depara com um antigo prédio que, finalmente, vem sendo reformado. Chama a atenção o tamanho desse imóvel, suas janelas e portas de grandes dimensões. Na porta de madeira maciça estão esculpidas as letras “COC”. Poucos sabem o que elas representam. Sabem, apenas, que esse imenso salão, conhecido como “Salão Padre Juca”, foi construído no início da década de 50, como Salão Paroquial, e, por muitos anos utilizado para reuniões da Congregação Mariana da Vila São José, de Irmandades e Conferências Vicentinas, para cinema e teatro e shows beneficentes.

COC são as iniciais de Círculo do Operariado Católico, movimento surgido no Brasil na década de 30. Nesse período histórico, ideologias contrárias à formação brasileira chegavam e se multiplicavam por todo o país. Piquete, por ser cidade operária, era um alvo em potencial para essas investidas.

Nos meados dos anos 30, o discurso anunciador do “perigo comunista” se forma diante de uma memória atribuída a uma nova construção da identidade nacional brasileira, que o estado varguista assume como função estratégica no controle dos sindicatos e seus trabalhadores. Essa pretensão atuava conforme os princípios baseados na ordem moral e político-religiosa do pós-30, herdados dos hábitos e costumes de uma cultura secular dominante. O ano de 1935, no Brasil, marca um momento de intensa perseguição aos comunistas. Após a Intentona Comunista, surge, com maior intensidade, a imagem do comunismo como “inimigo da pátria e da família cristã”.

A Igreja desse período assume relação de afinidade com o Estado Getulista e sua defesa intransigente do ideal tridentino nas questões sociais. Ocorre o incentivo ao catecismo, o fortalecimento da imprensa

católica e das diversas associações religiosas, como a Pia União das Filhas de Maria, Congregação Mariana, Liga Feminina Católica, além da proteção à classe trabalhadora. Buscava-se a construção de



uma sociedade ideal, longe dos “vícios modernos”, o que se daria no sentido de vigilância e controle de seus moradores no cotidiano da cidade.

É na construção de uma memória dominante, atribuída à sagrada instituição da família, que a Igreja penetra nos espaços de sociabilidade das cidades construindo valores culturais e simbólicos, agindo como mediadora dos princípios da ordem católica no mundo do trabalho. Desde então, a presença do Círculo Operário e de outras entidades católicas mostra-se como fator de agregação dos valores atribuídos à imagem de uma sociedade dita moderna e anti-comunista.

A iniciativa de construir o Círculo do

Operariado Católico (COC) em Piquete coube ao padre Juca (José Franciso Von Atzingen), que requereu junto à Câmara Municipal fosse votada uma lei que tornasse de utilidade pública um terreno havia muito abandonado. No dia 15 de dezembro de 1949, foi lançada a pedra fundamental do COC. A convite dos alunos da primeira turma do Ginásio da FPV, veio de Lorena para celebrar a missa em ação de graças o bispo diocesano D. Luiz Gonzaga Peluso. Após a missa, seguiu-se a cerimônia do lançamento da pedra fundamental e a bênção da mesma pelo bispo, no Largo da “Praça General Aquino”, em frente à igreja de São José. Em seguida à bênção, na presença de autoridades, fizeram uso da palavra o prefeito, Luiz Vieira Soares, Paulo Lódi, o bispo diocesano e o tenente-coronel José Carneiro da Rocha Menezes representando o general Aquino. Foi assinada uma ata pelos presentes e a mesma foi colocada na base do futuro edifício. À frente desse trabalho esteve o Padre Juca. A planta do edifício foi feita por Elydio Moura da Silva. A comissão construtora formada era presidida por Paulo Lódi, Juca Pinto e José Cipriano. Os construtores foram os

Congregados Marianos: aos domingos, após a reunião da Congregação, era feita uma escala para o trabalho no sábado seguinte, de maneira que todos os Congregados participaram ativamente da obra. O madeiramento do telhado, bem como portas e janelas, vieram do Paraná. Foram comprados por intermédio do Padre Juca, por um preço especial. Após dois anos, a sede foi inaugurada.

A obra executada no prédio do COC é resultado de doações e ainda há necessidade de diversos itens para sua finalização. Os interessados podem se dirigir ao prédio para colaborar com materiais de construção, por exemplo.

